

pouso
de
emergência

Thiago Montero Ettinger

Editora Penalux
Guaratinguetá, 2022

Marasmo

Ele se arrastou até o fundo da casa e se sentou no velho banco de madeira. Tirou os chinelos gastos dos pés e acomodou a palha no canto da boca. Mastigou lentamente e olhou para as unhas sujas das mãos. Ele passou o polegar sobre elas, mas fazia muitos anos que o escuro não saía debaixo das unhas. Dos pés, então, quanto tempo não eram cuidadas. A micose deixou permanente os tons amarelados. Amarelos eram também os dentes, algumas manchas nos braços e um pouco do branco dos olhos. Muitos anos plantando e comendo cenouras e trabalhando, dia após dia, embaixo do sol.

O galo cantou e ele balançou a cabeça. O Teimoso tinha mania de cantar ao meio-dia. Nada do que fizesse consertava a mania do galo. Desde crescido, aprendeu a nascer com o sol, mas também com ele a pino. Virou Teimoso por isso, o galo sem juízo.

Ele ajustou o chapéu na cabeça, mastigou a palha na boca e passou a mão na barba larga. Olhou para baixo e viu que a sombra diminuía. O beiral não dava conta de esconder o velho lavrador, como se o sol fosse polícia e o velho fosse ladrão.

Tesouro embiocado atrás da casa e o caçador em busca do camponês.

A vista que ele tinha era a vista que mais gostava, mesmo degradada pela seca. O campo arado era bom, mas é da lavoura o seu sustento. A falta de chuva venceu a terra. A queimada estragou o plantio. Muito pouco se salvou. As folhas foram para o lixo e o resto das verduras não vendeu. Sobraram alguns legumes, na parte da frente do sítio. Cenouras, rabanetes e as abóboras. Não tinha vez. Precisava recomeçar. Já era costume.

Ele esfregou os pés na terra seca e tentou fincar os dedos na dureza do chão. Pedrinhas se soltaram e ele sentiu o tornozelo estalar. Ele se ajeitou no banco e pensou nas galinhas, ponto de escape que tinha enquanto o solo não progredia. Mas poucos ovos não criam esperança.

Ele olhou para o campo arado, coçou o pescoço, mastigou a palha no canto da boca. Tentou pegar o mosquito que o rondava, mas desistiu depressa. O beiral revelava o velho sentado. O sol que batia na terra, começava agora a bater no pé. Ele não sabia se era pior a peste do chão que estragava a colheita ou a peste do céu que talhava o plantio. Vida dura de agricultor, mas melhor que morar na cidade.

Era forte, mas estava cansado. A idade abatia a vontade, não os sonhos que nunca tivera. Era um velho do ramo. Capaz, mas entregue.

Ele ouviu de longe o som do avião. Subiu a cabeça para o pano azul. Não tinha nuvem que esconderia. De vez em quando, passavam aviões no fundo do céu. Lá longe, tomando distância que ele nunca conseguiu alcançar. E ele olhava para os

aviões que surgiam de um lado e sumiam do outro, sempre na mesma direção. Prostrado no banco, na sombra do beiral, acomodando a palha no canto da boca. Era a visita que nunca veio. O contraste da vida que tinha. Como se fossem turistas passando por cima do sol e olhando para o campo assolado por ele. Era sol dentro da máquina saindo e indo para a cidade grande e ele, a secura da natureza, esmorecido pela terra parada.

Ele buscou no céu o avião que ouviu antes mesmo de surgir e viu a nave vindo do lado direito. A mesma distância de sempre. Ficavam pequenos os aviões vistos de baixo, vistos dali. Ele colocou a mão sobre os olhos, o sol a pino não dava trégua. Nem beiral, nem chapéu o libertava da claridade. Ele avistou o avião ao longe, mais baixo do que de costume. Gostava de ver. Passavam com tempo. Mas ele percebeu a diferença dos outros. Não ia reto, o avião, a ponta embicava o raso. Rápido como os outros, mas parecia que ia pousar. Não tinha pista ali perto. Só campo, terra e mato. E ele viu a fumaça que saía do avião que voava na diagonal. Ele ajeitou a palha na boca, mastigou lentamente e calçou os chinelos gastos. O sol ardia a terra seca que começava a arder seus pés. Ele observou, o quanto pode, o avião inclinado para baixo, a nave mergulhando na terra. Fazia tempo que não se banhava num rio.

O avião sumiu na roça distante e ele esperou o que nunca vinha, a novidade. Não foi adiante como os outros. Parou ali, mas era longe. Uma distância que ele nunca conseguiu alcançar. Ele se ajeitou e lembrou que precisava cuidar das cenouras. Não se mexeu. Mastigou a palha no canto da boca, colocou o chapéu sobre o rosto e deixou a cabeça tombar. Embaixo do

sol, adormeceu. Não tinha muito o que fazer, como era de costume. Teimoso, cansado, com o mosquito rondando a mancha amarela. O velho lavrador não tinha vez. Enquanto a fumaça subia ao longe, o tempo arava a pino.

A bordo

— Bem-vindos ao mar de Minas!

Os treze passageiros seguiram as instruções.

— Colete para a criança e para quem não sabe nadar.

O marinheiro ensinou o menino a vestir.

— Apesar da falta de sol, o protetor é sempre bom.

Ele olhou para a moça de pele vermelha.

— Trinta minutos para atravessar e depois só alegria.

O motor fez o primeiro barulho e a lancha começou a zarpar.

— E se algum pertence voar e cair na água, levanta o braço e dá um tchau.

Era de brincadeira o tom daquele início de passeio. Apesar do mau tempo, visível no céu, tudo estava autorizado. Era mais um dia agitado nas águas daquela cidade turística.

Acomodados, os passageiros se conheciam em conversas superficiais. Seis casais e uma criança. O marinheiro, Xandy, como se apresentou antes de desatracar, fez a primeira curva e seguiu reto sobre a água. As montanhas de Minas eram as

paisagens laterais e as cachoeiras, o destino que os esperava do outro lado do lago.

— É chuva?

Ele olhou para cima, desviando a atenção da correnteza.

— Pessoal. Aí perto da pia tem um saco com capas de chuva. Aconselho vestir, porque vai molhar.

Os passageiros distribuíram as capas entre si e vestiram os plásticos sobre as roupas secas.

— Chuva forte, Xandy?

— Acho que não. Vamos ver.

Era craque, o marinheiro. Jovem, mas experiente.

— Vou tentar fugir.

A lancha encurvou para a esquerda, rumo à terra, e depois voltou à direção anterior. Xandy desviou o barco da nuvem pesada que descia bem no meio do lago. Foram poucos minutos de garoa fina, nada que atrapalhasse a viagem nem preocupasse os passageiros.

— É tranquilo com chuva?

Xandy respondeu com a cabeça em positivo.

O céu estava fechado demais, como se não quisesse abrir naquela manhã de sábado. Eram dias chuvosos na cidade, previsão ruim para os passeios que nunca se acanhavam com isso.

Conseguiram desviar da primeira grande nuvem. Xandy sorriu, satisfeito pelo trabalho. Com a mão esquerda no timão e os olhos sobre a água, o marinheiro puxou o celular do bolso e tirou uma foto da paisagem lateral, a mesma que chamava a atenção dos passageiros encapuzados. A neblina se envolvia com a fumaça que caía da nuvem. A correnteza crescia, criando

ondas cada vez maiores, que se distanciavam da embarcação, sem perder velocidade. Era como se a água debaixo abrisse caminho para eles enquanto a água que vinha de cima os perseguisse, rumo à mesma direção. Desviados da passageira tempestade que escurecia o dia, eles seguiram para a cachoeira, fugindo do pior, querendo chegar logo ao outro lado do lago.

— Pessoal. Ali à direita tem uma cachoeira menor, mas a visibilidade está baixa, então vou seguir direto para os cânions, tá bom?

Era a atração principal.

A chuva forte ficou para trás e a garoa diminuiu até cessar. Se existisse alguma preocupação com o clima, ela sumiu, quando o céu ameaçou abrir e eles chegaram aonde tanto queriam.

Xandy movimentou os dedos das mãos tensas e os passageiros sacaram os celulares para registrar a cena. A embarcação entrou devagar entre os cânions e seguiu lentamente até as duas grandes cachoeiras que engrandeciam a paisagem. Foram minutos de paz do outro lado do lago. Era o encontro das lanchas, pós-tempestade, e o encontro do homem com a natureza.

— Como vocês podem ver, aqui não tem tempo ruim.

O marinheiro conferiu o celular em busca de atualizações, mas o alerta continuava o mesmo. Chuvas intensas durante o dia e vento forte.

— É o destino final?

Foi a criança que perguntou ao pai.

Xandy ouviu a dúvida e respondeu que não.

Enquanto os passageiros tiravam selfies e admiravam a gigantesca cachoeira acima deles, o marinheiro olhou para trás.

Uma manobra não foi o suficiente. Ele usou a força da natureza para tirar a lancha debaixo da rocha que desabava sobre eles. A força da natureza contra a força da natureza. O encontro do homem, pós-tempestade.

A pedra atingiu a proa e o casco da embarcação se quebrou em catorze partes. Seis casais, uma criança e o marinho.

LIVROS ILUMINAM

Este livro foi composto em Adobe Garamond
Pro pela Editora Penalux e impresso em papel
off-white 80 g/m², em julho de 2022.
